

POLYGRAPHIA NOUA, DE ATHANASIVS KIRCHER: UMA PONTE SUBTERRÂNEA
ENTRE O LATIM E A (INTER)LINGUÍSTICA

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita (UERJ)

RESUMO:

A análise da obra *Polygraphia noua*, escrita por Athanasius Kircher em 1663, nos permite repensar tanto a influência do latim nos projetos de língua auxiliar desenvolvidos nos séculos XIX e XX, quanto a trajetória de formulação dos princípios condutores desses mesmos projetos, criando assim uma ponte entre ambos universos culturais. Também nos permite reavaliar o peso do latim como língua de divulgação científica, no século XVII, assim como os limites dos Estudos da Linguagem de então.

Palavras-chave: Latim, Interlinguística, História das Ciências, Línguas artificiais, Athanasius Kircher.

Athanasius Kircher's *Polygraphia noua*: an underground bridge between Latin
and (Inter)linguistics

ABSTRACT:

The analysis of *Polygraphia noua*, written by Athanasius Kircher in 1663, allows us to rethink both the influence of Latin in the auxiliary language projects developed in the nineteenth and twentieth centuries, as the development trajectory of the guiding principles of these same projects, thus creating a bridge between the two cultural worlds. It also allows us to re-evaluate the weight of Latin as science communication language in the seventeenth century, and the limits of the then Language Studies.

Keywords: Latin language, Interlinguistics, History of Science, Artificial Languages, Athanasius Kircher.

O mundo contemporâneo relegou os estudos clássicos, assim como o grego e o latim, línguas que são seus principais veículos, a um papel tangencial dentro dos campos de conhecimento, e uma das (várias) consequências de tal situação é que se tem justificado o estudo desses idiomas apenas porque são a via pela qual se garante o acesso direto aos textos que, esses sim, nos revelam o pensamento da Antiguidade. Esta situação, que, à primeira vista, parte do pressuposto de que haja uma total sobreposição entre os referidos conjuntos – o dos estudos e o dos idiomas “clássicos” – minimiza bastante a ambos, pois nem os estudos da Antiguidade Clássica se esgotam em Grécia e Roma; e, para prová-lo, basta lembrar-se do Egito; nem os estudos das línguas grega e latina está restrito ao período da Antiguidade; uma vez que as duas línguas foram amplamente usadas durante os séculos seguintes.

Assim minimizados, e com o holofote voltado unicamente para sua área de sobreposição, ambos os conjuntos acabam perdendo muito de sua riqueza e, outrossim, ficam impedidos de contribuir, tanto quanto poderiam, com outros campos de conhecimento. Uma dessas possibilidades de contribuição, por exemplo, repousa na construção de uma imagem mais completa da produção literária medieval; pois sabemos que a produção em línguas nacionais é apenas uma fração do que de fato se produziu, embora seja a única fração estudada como fonte para a construção das origens das literaturas europeias. Outro campo assaz importante, e no qual a ação dos estudiosos das línguas antigas poderia prestar enorme contribuição, mas cujo valor tem sido reconhecido, quase que unicamente, por estudiosos de áreas alheias aos Estudos clássicos, ou aos idiomas citados, é o da construção mais exata da própria História das Ciências, campo do saber que pode ser muito enriquecido, se acrescido daquele conhecimento que está ainda inédito porque escrito em grego bizantino, latim medieval e renascentista, e até mesmo em árabe corânico.

Mas, há ainda um campo de estudos para os quais as línguas clássicas podem prestar enorme contribuição na construção de sua historiografia: paradoxalmente, trata-se dos próprios Estudos da Linguagem! Talvez porque a maioria dos linguistas considere a publicação do *Cours de Linguistique Générale* (1916) como a certidão de nascimento de sua ciência enquanto tal, não se estabeleceu ainda uma tradição de pesquisar-se a evolução da Linguística durante os

séculos anteriores. Tal fato, além de representar um deficit para uma reflexão epistemológica sobre a Linguística, acarreta ainda a permanência de um vácuo para compreender-se as várias intercessões, tanto da Linguística com suas subáreas, quanto com as demais ciências.

É com a finalidade de tentar preencher uma dessas lacunas que o presente trabalho se constrói, pois visa a, ainda que sucintamente, *a*), discutir as relações da Linguística com um de seus ramos menos conhecidos, a chamada Interlinguística, ramo da Linguística que se ocupa das chamadas “línguas artificiais”; e *b*), mostrar o uso e a importância do latim, tanto como referência para a construção desses idiomas, quanto como para a produção científica dos séculos XVI a XIX.

Antes de prosseguirmos, no entanto, é mister que estabeleçamos o que vem a ser a chamada Interlinguística. Para tanto, vale a pena citar aqui a definição cunhada por Otto Jespersen, um dos primeiros linguistas a dedicar-se ao assunto:

A new science is developing, Interlinguistics - that branch of the science of language which deals with the structure and basic ideas of all languages with the view to the establishing of a norm for interlanguages, *i.e.* auxiliary languages destined for oral and written use between people who cannot make themselves understood by means of their mother tongues. (JESPERSEN; 1931:57)

Pela extrema circunscrição de seu objeto de estudo: as línguas “auxiliares”, também chamadas de artificiais; assim como pela quase nula aceitação, e conseqüente estudo, destas pelos círculos acadêmicos; a Interlinguística ficou relegada a uma condição bastante periférica no universo dos estudos linguísticos, e apenas algumas instituições da Europa Oriental e da Ásia mantiveram estudos e pesquisas a seu respeito. Ademais, tendo sido o Esperanto e a Interlíngua os dois projetos mais exitosos de criação de línguas artificiais, o campo da Interlinguística acabou se restringindo a quase absolutamente esses dois idiomas.

Tal situação, contudo, vem se alterando desde os anos 90, não só pelo fato de que, através da internet, o ensino/aprendizagem desses idiomas vem sofrendo grande revitalização. Ademais, o extraordinário desenvolvimento das linguagens computacionais e, até mesmo, da presença de línguas construídas em séries de cinema e de televisão, tem levado a um maior interesse pelo estudo das línguas artificiais em si e, conseqüentemente, reaquecido os estudos no âmbito da Interlinguística.

Assim, quando existentes, as relações da Linguística com a Interlinguística são, na maioria das vezes, bastante esmaecidas. Isso não implica, contudo, que a troca de conhecimentos entre as duas áreas não seja possível; tampouco implica a inexistência, no desenvolvimento da Linguística, de momentos em que se possa detectar o estágio embrionário da Interlinguística. De fato, o exame de alguns linguistas, de diferentes períodos históricos pós-Renascimento, tem mostrado que, em suas obras, já se apresentam as matrizes comuns de todos os projetos de línguas artificiais que constituirão o objeto da Interlinguística.

Porém e a pergunta é pertinente qual a relação disto tudo com os estudos clássicos? E com as línguas clássicas? Fica evidente que essa relação se estabelece não com aquela área de sobreposição entre o universo da cultura clássica com os respectivos idiomas através dos quais esse universo ganhou voz, mas com aquela zona que se encontra fora dos holofotes. Inicialmente pois, esta relação diz respeito unicamente à língua latina e a seu universo que gravita a seu redor.

Este universo dá mostras não só de existência, mas de uma insuspeitada vitalidade quando verificamos, como dito anteriormente, o fato de que o latim não foi apenas o veículo de divulgação do ideário dos linguistas que se dedicaram ao problema. Mais que isso, o latim foi, e continua a ser, também a base primária para a construção de uma expressiva porcentagem das línguas artificiais propostas ou em uso. Uma pequena amostragem disso pode ser encontrada na obra *Le latin ou l'empire d'un signe* (1998), da pesquisadora francesa Françoise Waquet:

Si le latin ne put être restauré comme “langue universelle et de convention” pour reprendre l'expression de d'Alembert, il n'en fut pas moins un référence ou plus précisément une source pour plusieurs projets de langues artificielles internationales qui furent formés dans les années 1880-1914. (...) on en relève plus d'une quinzaine entre la fin de la première guerre mondiale et 1948, tels le Latin simplifié (Neuchâtel, 1925), le Latino viventi (Turin, 1925), le Latinesco

(Birkenhaed, Grande-Bretagne, 1925), le Neo-latinus (Buenos Aires, 1939), le Latini (Albany, USA, 1941), l'Universal Latein (Vienne, 1947), l'Europa latine (Amsterdam, 1948). (...)
Ainsi, pour donner quelques exemples, on citera le Nov Latin (Turin, 1890), l'Universalia (Stuttgart, 1893), le Latino sine flexione (1903), la Lingua internacional (Varsovie, 1905), le Novilatin (Leipzig, 1907). D'où aussi des noms souvent très proches, et l'on prendra garde a ne pas confondre le Latinesce (Londres, 1901) et le Latinesco précédemment cité, le Latino sine flexione (1903) et le Latin sin flexion (1929), le Novilatin (Leipzig, 1895) et le Novilatin (Leipzig, 1907), le Neolatin (Hongrie, 1920), la Neo-latina (Hollande, 1920), le Neolatine (Bologne, 1922), le Neolatino (Suède, 1927) et le Neolatinus (Buenos Aires, 1939). (WAQUET; 1998:315-17)

Se a relação do latim com tantos projetos de idiomas artificiais é tão fértil, esta relação pode ser, claramente, objeto de análise tanto do latinista interessado em deslindar até onde seu objeto de estudo pôde influenciar outros idiomas; do interlinguista que busque conhecer mais profundamente os mecanismos da criação de línguas artificiais; e também do linguista que, analisando o desenvolvimento posterior dos projetos exitosos – o Esperanto e a Interlíngua – tem acesso a algo que sempre nos foi negado: presenciar, ao longo de poucas gerações, o nascimento e desenvolvimento de um idioma. No entanto, seria possível haver um único conjunto de obras que permitisse a esses três profissionais atuarem em conjunto?

Creio que esse conjunto de obras existe, e que, nele, há um texto que pode trazer contribuições não só aos três campos de estudos citados, mas também à História das Ciências. E é a este texto que irei, a seguir, dedicar-me; após uma breve contextualização a respeito da época de sua produção.

O século XVII foi extremamente fértil em relação aos avanços da Ciência e da Filosofia: solidificando as conquistas dos renascentistas, seus sucessores dedicaram-se tanto ao aprofundamento quanto à especialização do conhecimento em suas próprias áreas de atuação. Por causa disso, iniciou-se então um tempo de lenta, porém concreta e irretornável, separação entre as ciências “naturais” e “humanas”. No entanto, novos conhecimentos postularam novas necessidades, e os cientistas de então, talvez pela primeira vez, sentiram com clareza que *a*), o universo dos homens cultos, com a necessidade de inter-comunicação, havia se expandido enormemente; *b*), já não era viável o aprendizado, por parte de todos eles, de diversas línguas; *c*) fora do universo da intelectualidade, as demandas da expansão comercial, aceleradas pelo processo mercantilista, expunha com maior gravidade a necessidade de um idioma comum. Mas, talvez com maior premência, havia uma necessidade intrínseca aos próprios avanços científicos: o exponencial crescimento do conhecimento e das atividades relacionadas às Ciências e à Filosofia não era acompanhado por uma expansão proporcional do vocabulário do idioma usado para a divulgação desse mesmo conhecimento: o latim.

Ficava cada vez mais evidente que o latim não mais podia servir plenamente à exata expressão de suas ideias, e que seu papel como veículo de comunicação internacional (dos homens cultos) deveria ser exercido por outro idioma, mais adequado às novas circunstâncias.

Desde o primeiro pensador que chegou a essa constatação, o espanhol Juan Luis Vives (1493-1540), até o alemão Athanasius Kircher (1602-80), sobre quem se concentrará este trabalho, todos os nomes desse período da História das Ciências preocuparam-se, para além de com suas próprias atividades, com a necessidade de estabelecer-se um novo veículo para a divulgação de suas descobertas e ideias. Todavia, mesmo analisando-se superficialmente suas propostas, rapidamente se pode constatar que estas nascem quase sempre dos mesmos princípios, que, com poucas variantes, reduzem-se, enfim, a apenas um: essa nova língua deverá ser construída, racional e logicamente, sobre parâmetros filosóficos. Os trabalhos de Bacon, Descartes, Comenius, anteriores ao de Kircher, e mesmo os de Leibniz e Križanič, posteriores, indicam essa como a única direção a ser realmente seguida para chegar-se a uma solução final para o problema. Em resumo: submissão da língua(gem) à Filosofia.

Baseados nessa ideia, todas as línguas que se candidatassem a tal função – mesmo se não tivessem sido, de fato, construídas – deveriam ser projetos *a priori*, definidos por Barandovská-Frank (2010) como “independentes de material etnolinguístico”, contrários portanto aos chamados projetos *a posteriori*, que “imitam os modelos etnolinguísticos,

frequentemente baseando seu léxico nas línguas já existentes”. E, nesse período, vale notar, apenas duas obras distanciam-se desse modelo, a do inglês John Wilkins, chamada "*Mercury, or the Secret and Swift Messenger*", e a de Kircher: "*Polygraphia Noua et Vniuersalis ex combinatoria arte detecta*".

O primeiro livro foi editado em 1641, mas o projeto de Wilkins, na verdade, não objetivava a construção de um novo idioma, mas apenas um método de criptografia. O livro, e também o projeto, de Kircher foi por sua vez editado em 1663, em Roma, cidade na qual ele viveu seus últimos anos. No entanto, antes de continuar a análise de seu projeto, convém que nos perguntemos por que, ao contrário de todos os nomes anteriormente mencionados, o de Kircher geralmente não é mencionado nas obras mais comuns sobre a História das Ciências.

Creio eu que o nome de Kircher permaneceu à sombra por duas razões: a primeira é que Kircher foi o típico homem da Renascença que, além da Matemática traço comum a todos os supra-mencionados não era especializado em qualquer outro campo de estudos mais especificamente “científico”, segundo a concepção atual, que é também a do século XVII em que viveu: seus interesses iam das línguas antigas, tendo tentado decifrar os hieróglifos egípcios, até a cultura chinesa. Portanto, suas ideias estavam fora do conjunto de interesses dos demais, e, em algumas de suas obras é possível detectar alguma falta de aprofundamento. Mas é ainda mais importante o fato, que considero como a segunda razão: grande parte da historiografia atual – aquela redigida segundo os parâmetros estabelecidos no século XIX – foi escrita ou em países protestantes ou por autores de caráter a- ou abertamente antirreligioso, muitos deles claramente anti-católicos, para quem era difícil reconhecer os méritos e avanços promovidos por um padre católico e membro da ordem jesuíta, sempre associada ao obscurantismo e à Inquisição. Aí, penso repousar o motivo pelo qual o nome de Kircher foi condenado à penumbra da História das Ciências, e apenas nas últimas décadas suas obras estejam sendo redescobertas por epistemólogos e outros pesquisadores. Entre essas obras, o projeto por ele apresentado em "*Polygraphia noua et Vniuersalis*", cuja análise constituirá nosso próximo passo.

Kircher dividiu sua obra em três partes, denominadas “sintagmas”: a) *Linguarum omnium ad unam reductio*; b) *Vnius linguae ad omnes alias extensio* e, c), *De technologia, siue de arcano stenographico uniuersali combinatio rerum*. Dessas três partes, este texto versará, de fato, apenas sobre a primeira, pois nela é possível detectar pontos que nos permitem assinalar os limites – de aproximação e de distanciamento, entre o pensamento de Kircher e seus predecessores, e também com relação a seus pósteros, uma vez que, claramente, em alguns pontos de seu trabalho Kircher estabeleceu os critérios válidos para os projetos de língua comum que lhe seriam posteriores.

Mas em que consiste o projeto de Kircher? Podemos respondê-lo cedendo-lhe a palavra:

Artificium quod in hoc opere exponimus, nihil aliud est, quam linguarum omnium ad unam reductio. Et in hoc potissimum consistit, quod per illud quiuis, etiam si nulla alia, nisi uernacula sua lingua instructus, cum omnibus tamen totius orbis populis et nationibus, linguis, et idiomatis differentibus, reciproco commercio litteris correspondere queat. Ita ut si quis, huius artificii methodo, litteras scripserit, uerbi gratia, latinas, illae non solum a totius Europae, sed et ab Asiae, Africae, quin et Americae populis, intelligi queant: (...) Rursus si quispiam in Asia constitutus, in Turcica, Arabica, aut Persica lingua, huius artificii ope litteras ad quempiam in Europa constitutum scripserit, eadem hunc facilitate litteras, quarum linguas non nouerit, non secus ac si uernacula sua lingua fuissent scriptae, intellecturum scias. Quod quam pulchrum, et fructuosum sit, quis non uidet? (KIRCHER; 1663:06)

O texto acima nos permite constatar que, de fato, o método de Kircher não se constitui completamente numa língua, mas apenas em um sistema para compreensão de textos produzidos por pessoas que não dispõem de uma língua comum. Kircher apenas propõe a elaboração de um código neutro para a intercompreensão de textos, mas, com isso, estabelece o princípio de neutralidade seguido pelos planejadores de línguas do século XIX. Segundo esse princípio uma língua auxiliar deve apresentar, tanto quanto possível, a mesma facilidade de aprendizado para todos os usuários, independentemente de sua língua nativa – o que, por si só, excluiria qualquer língua nacional do exercício dessa função, este princípio, aliás, é um dos

principais argumentos a favor da adoção de uma língua artificial como língua-ponte internacional: além da neutralidade, ela seria uma barreira para o fenômeno conhecido como “imperialismo cultural”, que se manifesta, basicamente, pela imposição do idioma da potência dominante.

Sendo um sistema apenas para leitura, o projeto de Kircher é classificável apenas como uma *pasigrafia*, ou seja, um sistema que pode ser lido em qualquer língua, sem depender de algum idioma específico. Porém, vale verificar que, segundo Dulichenko (2006), as pasigrafias podem ser classificadas de quatro maneiras:

Esplorado de pazigrafia materialo montras, ke la proponitaj projektoj de la universala, aŭ tutmonda, skribo povas esti dividitaj je kelkaj ĉefaj specoj. Kiel klasifika kriterio servas grafika esprimo de nocioj. Laŭ tio oni distingas kvar ĉefajn specojn de la pazigrafiaj sistemoj: cifera, litera, ideografia (oni nomas ĝin ankaŭ piktografia) kaj miksitaj. Pazigrafio estas miksitaj, se ĝi estas kombinita el la unuaj tri specoj: cifera-litera, ideografia-litera, ideografia-cifera kaj ideografia-litera-cifera. La nuntempaj pazigrafiaj eksperimentoj havas ideografia-miksitan karakteron. Tio determinas la nuntempajn tendencojn en la kreado de pazigrafiaj sistemoj. (DULIČENKO; 2006: 65-66)

Apesar da advertência de Dulichenko com relação às tendências atuais, note-se o que nos esclarece Kircher sobre o sistema segundo o qual ele constrói sua pasigrafia:

Duplex in hoc libro Dictionarium exhibemus, prius signatum littera A, seruitque litteris, quae ad alium quempiam transmitti de bene rite componendis, cuius usum postea exponemus. Alterum Dictionarium signatus littera B, seruit epistolis, ab amico quodam correspondente transmissis, rite et ex arte legendis. In primo dictionario, in singulis columnis, uocabula iuxta quinque linguarum seriem ordine alphabetico sunt posita. Ita ut si quis latinis litteras scribere uelit, prima semper columna in quacumque libri solique pagina, tibi datura sit uocabula ordine alphabetico disposita: quod idem de reliquis linguis intelligas uelim, singula quoque singularum columnarum uocabula adscriptos sibi numeros habent, quae quid significant, postea in usus descriptione patebit. In Dictionario secundo, B signato, habent singula paginarum facies aliam numerorum seriem maiuculis siue latinis numeris signatam, hoc pacto I. II. III. etc., deinde singula quinque columnarum uocabula, zyphrarum numeros ordine naturali dispositos habent adiunctos, qui quid indicent, paulo post indicabimus: quorum unusquisque numerus, omnibus quinque linguis communis est, in quacumque pagina reperitur. Verum iam utriusque Dictionarii usum, ea qua par est perspicuitate exponamus. (KIRCHER; 1663:08)

Logo, o método de Kircher não consistiria na verdadeira criação de um novo idioma, com a apresentação de sua sintaxe, vocabulário, fonética e demais partes. Resignando-se quanto a essas questões, Kircher simplesmente estabeleceu seu vocabulário a partir da simples numeração das palavras de um dicionário! Evidentemente, isso não constitui a “criação” de uma língua, mas a simples conversão de um conjunto de palavras ao sistema numérico; o que causou um novo problema, que nos é descrito por Dulichenko:

Kircher donis ciferajn signifojn al vortoj el diversaj lingvoj kaj gramatikajn formojn markis per latinaj literoj kun streketoj. La nombroj kreskis laŭ la vicordo de vortoj en la latina vortaro, sed la ordo fuŝiĝis en alilingvaj vortaroj. Kiel konvenciaj signoj estis uzataj romanaj ciferoj de I ĝis XXXII kaj arabaj ciferoj de 1 ĝis 38. (DULIČENKO; 2006: 66-67)

Notemos então que o projeto de Kircher, apesar de indicar um caminho à neutralidade, de certo modo não era completamente neutro, porque nele o latim tinha um papel fundamental na construção do processo numérico. Ademais, tendo marcado as formas gramaticais – e, acrescento, os casos – por letras latinas; Kircher elegeu como ponto de partida a ideia segundo a qual todas as línguas partilham das mesmas estruturas morfológicas e sintáticas. Por isso, Kircher divide essas categorias e casos gramaticais segundo o sistema latino, o que, por si mesmo, ocasionaria problemas de interpretação, no caso de mensagens enviadas por ou para um falante de alguma língua cujo sistema fosse completamente diferente do latino. Isso vale para as línguas conhecidas por Kircher, que eram o latim, o francês, o italiano, o alemão e o espanhol; todas indo-europeias e ocidentais, mas de modo algum poder-se-ia pensar que o mesmo valeria para todas as línguas do mundo.

Desse modo, a “*polygraphia noua*” realmente não era uma solução criativa para o problema da comunicação entre intelectuais, mas algo bem mais simples, realmente mais útil para a criptografia do que para a transcrição de textos mais complexos – entre outras razões, porque bastaria o acréscimo de apenas *uma* palavra *nova* a qualquer dos dicionários para que toda a numeração tivesse que ser refeita. Por isso, Kircher mesmo adverte, por duas vezes, os usuários de seu sistema para que estivessem atentos as suas limitações, primeiramente em:

Nota primo quicumque ad alium quempiam huius artificii ope scribere desiderat, is ante omnia tenorem epistolae uerbis quantum fieri potest paucis, simplicissimis, et maxime obuiis, omni uerborum superfluitate uitata concipiat. Non enim in hoc artificio attenditur elegantia, neque conceptus acumen aliquod praeseferant, quae pure accidentia sunt, sed ipsa sola et nuda conceptus substantia paucissimis uerbis comprehensa ponenda est. (KIRCHER; 1663:09)

E novamente em:

Si in Dictionario non inueniretur aliquod nomen et uerbum, quo in epistola conscribenda uti uellet; tunc aliud Synonymum ipsi substituatur. (...)

Non debet in hoc artificio attendi uerborum elegantia, et numerosa periodus, sed simplicissima constructio, et quantum fieri potest, uerbis et uocibus nudis, sine ornatu concepta. (KIRCHER; 1663:11)

Mas não se pode deixar de notar uma das razões declaradas por Kircher para que proceda dessa forma: “*Cum enim hic uel una lingua, qualiscumque tandem illa sit, omnes alias in se comprehendat, elegantiae uero cum non in omnibus linguis eodem modo se habeant, ab iis omnino tibi abstinendum esse putes uelim.* (KIRCHER; 1663:09)”. Notamos aqui o mesmo raciocínio repetido tanto por esperantistas quanto por usuários de outras línguas artificiais, que, em nome de plena internacionalidade e clareza, e objetivando não ofender falantes de outras línguas por meio de construções frasais que possam ser consideradas pouco claras, deixam de lado muitas das possibilidades expressivas de seus respectivos idiomas. Ora, essa “construção simplicíssima” era, em si mesma, contraditória, quando se trata da expressão de ideias complexas, como seriam as dos cientistas e outros intelectuais de então.

Pensando novamente sobre a possível classificação da “*polygraphia noua*”, voltemos a Dulichenko, e à divisão entre pasigrafias *a priori* e *a posteriori*:

Pasigrafias de qualquer das espécies nomeadas podem basear-se em um dos dois princípios semânticos. Pelo primeiro, o mundo real é gradativa e logicamente dividido de noções gerais a concretas; pelo segundo, ele é tal qual nós o vemos nas línguas étnicas, principalmente nas europeias. As pasigrafias do primeiro tipo são chamadas de “*a priori*”, as do segundo, de “*a posteriori*”. (DULIČENKO; 2006: 66)

Então, “*polygraphia noua*” é uma pasigrafia *a posteriori*, porque sua base é o latim, uma língua étnica – embora o povo que a usava (os romanos), já não existisse na Europa, nem, claro, em lugar algum.

Se se pode pensar que o projeto de Kircher estava já suficientemente esboçado, porque dele em si não haveria muito o que se dizer, deve-se, para findar este texto, explorar um pouco mais algumas das ideias a partir das quais ele defende sua “*polygraphia*”. Ao fim de seu texto, Kircher apresenta três vantagens advinentes do efetivo uso do projeto. E, nelas, pode-se enfim traçar alguns paralelos entre seu projeto e as ideias de Zamenhof para o Esperanto. Eis a primeira:

Vtilitas itaque prima huius artificii in hoc consistit, ut quilibet etiam non nisi uernacula instructus, nihilominus cum omnibus mundi populis reciproco litterarum commercio correspondere possit, uti ex paradigmatis patuit, posito omnes huius Syntagmatis copiam, et linguas omnes simili modo dispositas habere. (KIRCHER; 1663:15)

Na qual vemos que, contrariamente às propostas formuladas anteriormente, o projeto de Kircher objetiva tornar-se uma língua internacional visando a todos os homens, e não apenas os intelectuais. Este mesmo objetivo será perseguido por Zamenhof, mais de duzentos anos após. Mas passemos à segunda vantagem:

Secunda haec est. Quod si quispiam reliquarum linguarum ignarus nosse uelit quidnam significet in aliis linguis quodpiam, siue uerbum, siue nomen, aliudue simile, is statim id

obtinebit, si in primo dictionario quaerat uerbum aut nomen, cuius significationem in aliis linguis scire cupiet, numeros deinde ei adscriptos in secundo dictionario quaerat, et numerus zyphratus statim ei indicabit in eadem transversa nominum serie, uocis significationem in Latina, Italica, Gallica, Hispanica, Germanica, et si artificium ad omnes linguas esset traductum, dico, pari pacto eum in una et eadem serie dictae uocis significationem, in quaecumque tandem lingua inuenturum. Eadem ratione epistolam construet iuxta tabulam quae signa coniugationis et declinationis exhibet. (KIRCHER; 1663:16)

Lendo-a, constata-se de imediato que a segunda vantagem é uma ideia sempre defendida, senão diretamente por Zamenhof, da imensa maioria dos esperantistas: o assim chamado “efeito propedêutico” do Esperanto, segundo o qual se acredita que o conhecimento dessa língua seria de auxílio no aprendizado de novos idiomas. Passemos à terceira: Tertia utilitas est, quod huius artificii ope, quilibet Steganographico stylo arcana mentis suae adeo sub epistola huiusmodi notis exarata uelare possit, ut praeter correspondentes, nemo alius eam penetrare queat, et consistit in sola numerorum, singulis nominibus uerbisque adscriptorum, transmutatione. Sed haec Lectori tantum indigitasse sufficiat. (KIRCHER; 1663:16)

Finalmente descobre-se o grande avanço escondido no projeto de Kircher: seu valor para a criptografia e para o estabelecimento códigos “não-linguísticos”, baseados na conversão de estruturas sintáticas a uma sequência numérica, ou seja, os mesmos processos que serão usados, séculos adiante, como base para a codificação binária usada nas linguagens de computador.

No entanto, no projeto esconde-se ainda outras características – que Dulichenko apontou sem ter, aparentemente, percebido seu alcance, que são totalmente congruentes com o espírito da língua de Zamenhof, citêmo-lo:

“*Kircher donis ciferajn signifojn al vortoj el diversaj lingvoj kaj gramatikajn formojn markis per latinaj literoj kun streketoj*” (DULIČENKO; 2006: 67) Nisso, creio eu repousa de fato a condição de vanguarda do trabalho de Kircher, pois marcar as funções gramaticais (substantivos, adjetivos, advérbios, verbos) do vocabulário da língua, foi exatamente o que Zamenhof fez ao criar o Esperanto.

Nesse sentido, o posicionamento de Kircher indicam os novos caminhos para o desenvolvimento de uma nova língua, pois ele, mesmo sem intenção declarada, formaliza os critérios a serem seguidos por aqueles que, posteriormente, dedicar-se-ão ao tema: como já vimos ao longe deste texto, Kircher propõe que essa língua deva: *a*), ser neutra, e sua neutralidade inclui também as línguas de outras culturas e partes do mundo, além das europeias; *b*), ser simples e de fácil aprendizagem, para que seu uso não represente um acréscimo de esforços para alguém; *c*), ter uma gramática regular – e, neste quesito, as soluções apresentadas são muito próximas às usadas no esperanto; *d*), ser composta de léxico *a posteriori*, posto que este já é, de fato, internacional.

Nesse aspecto, outra diferença entre Kircher e seus antecessores foi que ele simplesmente abandonou a ideia, até então ardentemente defendida, de criar um léxico totalmente novo; ao invés de fazê-lo, Kircher simplesmente usou o vocabulário comum já existente em diversas línguas. Portanto, Kircher vai na contra-mão do paradigma filosófico que então regia os projetos de língua; isso, em si mesmo, evidencia um primeiro rompimento tanto com esse paradigma quanto com os modelos *a priori*, que não resistiriam ao tempo. De fato, Kircher colaborou decisivamente para que essa ideia fosse sepultada por seus sucessores, por nenhum dos projetos apresentados nos séculos seguintes seguiu o modelo apriorístico.

Ademais, até mesmo o “efeito propedêutico” da *polygraphia noua* foi considerado, pois Kircher não exclui o fato de que o conhecimento dessa língua pode funcionar como ferramenta para o aprendizado de novos idiomas. Quase como conclusão, creio que se deveria encontrar, para Kircher e seu projeto, dadas suas relações de similaridade com o esperanto, um lugar mais adequado na árvore genealógica das línguas artificiais.

Mas a importância do projeto de Kircher não acaba aqui. Embora ele jamais tenha sido posto em prática – e, pela morte de Kircher apenas três anos após sua publicação, o livro tenha sido rapidamente esquecido – podemos, hoje, lê-lo, senão pelo que nele há, mas pelo como chegou a haver: pois seu principal mérito consiste não no fato de que seu projeto fosse exequível, mas consiste naquilo em que nós ali não encontramos.

O fracasso da metodologia de Kircher não demonstram uma falha sua, pessoal; mas o dos caminhos seguidos pelos projetos *a priori*, um caminho que, levando sempre ao fracasso, acarretou que se repensassem as novas vias para a criação de projetos de língua, nos quais não existisse, obrigatoriamente, a submissão da Linguística à Filosofia. E, nesse sentido, o projeto de Kircher foi decisivo, pois, na verdade, no âmbito científico, aprende-se muito mais com os fracassos que com os êxitos, pois são os fracassos que mostram, através da exaustão, o caminho a seguir. E, nesse quadro, a *Polygraphia Noua* apresentou, como se viu, os critérios básicos para os projetos linguísticos que, como o esperanto, tiveram êxito. Estudar o caso da *Polygraphia Noua* é uma boa maneira de se complementar o quadro da aplicação do método científico à solução de problemas, e não por causa, nem através, das soluções apresentadas, mas por causa e através das estratégias criadas para solucioná-los.

E é, aí enfim, que posso alcançar o ponto a que me propus de início: pois o estudo de uma obra como a de Kircher pode evidenciar a ponte subterrânea que, mesmo sem ser vista, liga, através da Interlinguística, o latim aos idiomas artificiais, com destaque para o esperanto; e, através do latim, a Linguística às demais Ciências, posto que a língua de Sêneca não era apenas o veículo para a formulação do pensamento, mas por mostrar o quanto de seus percursos é comum.

BIBLIOGRAFIA:

- BARANDOVSKÁ-FRANK, Vera *Latinidaj planlingvoj*. Paderborn: Akademia - Libroservo/Institut für Kybernetik GmbH Berlin & Paderborn, 2010
- BLANKE, Detlev (org.) *ESPERANTO LA INTERNACIA LINGVO – Sciencaj aspektoj*. Berlin: Kulturligo de Germana Demokratia Respubliko, 1979
- DULIČENKO, Aleksandr 2006 *En la serĉado de la mondlingvo aŭ interlingvistiko por ĉiuj*. Kaliningrado: Sezonoj, 2006. Serio Scio, 7.
- ECO, Umberto 1994 *La serĉado de la perfekta lingvo en la eŭropa kulturo*. (La ricerca della lingua perfetta nella cultura europea). Pisa: Edistudio, 1994
- GALILEI, Galileo. *Le opere di Galileo Galilei*: edizione nazionale sotto gli auspicii di sua maestà il re d'Italia / [s.l.]: pubblicata da Antonio Favaro, Isidoro del Lungo, V. Cerruti, G. Govi, G. V. Schiaparelli, Umberto Marchesini, 1909.
- JESPERSEN, Otto. “A new science: Interlinguistics” in: *Psyche*, 1930-31/3, p.57-67. Disponível em <http://interlanggages.net/IL.html> Acesso em 05 de julho de 2016.
- KIRCHER, Athanasius (SCJ) *Polygraphia Noua et Vniuersalis ex combinatoria arte detecta*. Roma: Typographia Varesii, 1663
- ROBINS, R.H. *Pequena História da Linguística*. (A Short History of Linguistics) Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979
- WAQUET, Françoise. *Le latin ou l'empire d'un signe. XVI^e-XX^e siècle*. Paris: Albin Michel, 1998.